

«As diferenças entre o homem e a mulher», diz o autor, «são o fato mais importante da sociedade. A atual campanha para negá-las ameaça a humanidade como nunca aconteceu»

O suicídio dos sexos

GEORGE GILDER

FALA-SE muito, hoje em dia, em liberação sexual — pelo menos, o tilintar das caixas registradoras daqueles que a promovem é incessante. No entanto, esses andróginos, transexuais, psiquiatras avançados, pornógrafos, padres moderninhos, perversos polimorfos e teóricos da revolução sexual não têm muito em comum — exceto o fato de que estão anunciando unanimemente o advento de uma nova era de liberdade entre os sexos.

Nada é livre, porém, e muito menos o sexo. O sexo é a força vital e o impulso coesivo de um povo; quando é desvalorizado e deformado, como agora, o padrão de nossas vidas declina e a trama social se desenreda.

Nossa atitude diante dos conceitos de *sexo* e *sexualidade* ilustra bem o

problema. Estas palavras hoje se referem principalmente à copulação, mas o fato é que a energia sexual anima a maioria das nossas atividades e conecta todo indivíduo a uma família e a uma comunidade e, através destas, ao passado e ao futuro. A sexualidade pode ser mais bem definida como algo que encerra todos os profundos propósitos de uma sociedade.

O homem subordinado. As diferenças entre os sexos estão corporificadas numa série de fatores, dos quais os mais importantes são as dualidades pai-mãe e marido-mulher, que formam pares distintos e bem equilibrados. No entanto, na maioria dos fatores sexuais elementares, há pouco equilíbrio. Em quase todos os grandes acontecimentos sexuais de nossas vidas, o papel masculino é secundário. É a mulher quem concebe, gera e amamenta o bebê. O macho é quase um estranho e um inferior. Uma extensão muito menor de seu corpo é

GEORGE GILDER, editor de várias revistas, como *New Leader* e *Ripon Forum*, é membro do Kennedy Institute of Politics.

CONDENSADO DE "HARPER'S MAGAZINE" (JULHO DE 1973). © 1973 DE MINNEAPOLIS STAR TRIBUNE CO., INC.
ESTE ARTIGO É ADAPTADO DO LIVRO DO AUTOR, "SEXUAL SUICIDE", © 1973 DE GEORGE GILDER

diretamente erógena, e uma parte muito menor de sua vida é devotada à atividade sexual específica. Inferno à crucial e indispensável função da maternidade, ele é irredimivelmente subordinado.

Uma tática segura para irritar uma militante feminista, hoje em dia, é dizer-lhe que tem *instinto maternal*. Contrariando as mais óbvias evidências históricas e antropológicas, a maioria das feministas afirma que criar filhos é tanto uma função do homem quanto da mulher, mas o papel maternal se origina do fato de que só a mulher está obrigatoriamente presente na hora do parto, tendo por isso uma ligação muito mais facilmente identificável com a criança — ligação esta em que a sociedade contemporânea se apóia.

Esse sentimento maternal é a raiz da sexualidade humana; se não for profundamente cultivado entre as mulheres, jamais germinará entre os homens. A idéia de que o pai é intrinsecamente igual à mãe dentro de uma família é tolice; só pela cultura o homem poderá ser igual.

A tarefa do homem começa assim que ele nasce. Ao confiar em sua mãe, um menino aprende a confiar em si próprio e, ao confiar em si próprio, aprende a suportar a lenta dissolução desse laço inicial. Quase desde o princípio, a identidade sexual do menino dependerá de atos de exploração e de iniciativa, mas, antes de retornar a conviver com uma mulher, ele deverá provar sua masculinidade na prática. O guerreiro zulu tinha de matar um animal, o camponês da Irlanda tinha

de construir uma casa e o homem moderno tem de arranjar emprego. Este é o mito clássico e a realidade mundana da masculinidade — e a baixa-comédia, ou alta-tragédia, da humanidade.

Com a mulher é diferente. O foco de identificação feminina é sempre nítido e estável. Uma mulher se afirma e se demonstra mensalmente através da menstruação. Mesmo que nunca tenha filhos, está sempre sendo lembrada de que é capaz disso, de que pode realizar o ato crucial de perpetuar sua família e a espécie. Apesar de quaisquer outras ansiedades a respeito de seu papel sexual, ela pelo menos *sabe* que tem uma missão a cumprir. O conhecimento disso está estampado no seu próprio ser.

Contudo, enquanto o corpo da mulher está pleno dessa potencialidade interna, o do homem é internamente improfícuo. A masculinidade, ao seu nível mais básico, só pode ser avaliada e expressa na ação. O corpo de um homem está repleto apenas de energias indefinidas, e todas essas energias devem ser guiadas pela cultura. Ele é, portanto, profundamente dependente da estrutura social na definição do seu papel.

De todas as instituições sociais que operam esse efeito civilizador, o casamento talvez seja a mais importante. O matrimônio liga os homens às famílias, às fontes de continuidade, individualidade e ordem. Como já o devíamos ter descoberto há muito, a família é o único agente capaz de induzir a transformações duradouras no caráter e cometimentos de seus mem-

bro; mais importante ainda é a única maneira não coercitiva de transformar os indivíduos em participantes voluntários da ordem social.

Através da história, as sociedades têm reconhecido o grande preço a ser pago na função de proteger a família contra os homens. As mulheres têm que usar de toda a sua engenhosidade, de todos os seus poderes de atração sexual para induzir o homem a constituir família, e a cultura teve que investir o casamento de toda a santidade cerimonial da religião e da lei. Isto não aconteceu como um meio de promover a intimidade e o companheirismo, mas evoluiu e sobreviveu como uma forma de sustentar as sociedades civilizadas, nas quais o amor, a intimidade e o companheirismo deveriam existir.

Uma constituição sexual. Toda sociedade tem uma constituição sexual que, sub-repticiamente, envolve suas economia, política e cultura. Embora as preocupações centrais sejam o casamento e as famílias, praticamente todos os contatos entre seres humanos contêm determinada carga sexual; a maneira pela qual essa carga é organizada irá determinar se a sociedade é composta de cidadãos perfeitamente integrados ou de indivíduos desconexos em busca do sexo numa escala anti-social.

O trabalho de um homem é uma parte importante da constituição sexual. Pode afirmar a sua identidade masculina, tornar-lhe possível cortejar mulheres em atitude responsável e possibilitar-lhe casar-se e, daí, integrar-se numa comunidade contínua.

Aqui, é vital compreender o papel sexual do dinheiro. A própria constituição sexual do sistema de empregos assegura, por exemplo, que, em todas as sociedades, a maioria dos homens ganhará mais do que a maioria das mulheres. Portanto, um homem que não perceba tanto dinheiro quanto as mulheres mais significativas em sua vida (sua namorada, esposa ou suas colegas de trabalho) irá acabar abandonando o emprego e perseguindo as mulheres dentro daquele espírito que os movimentos de liberação feminina tanto condenam.

O protesto das feministas, pela razão de que às mulheres geralmente não recebem salário igual por trabalho igual, devia ser considerado à luz do fato de que o desemprego masculino custa muito mais à sociedade do que o feminino. O homem desempregado pouco contribui para a sociedade e, ao contrário, transforma-se num elo partido, ao passo que a mulher desempregada pode realizar um inestimável trabalho ao criar e manter uma família. Com efeito, o sistema de discriminação ensina às mulheres que, se elas entrarem no mercado de trabalho, irão provavelmente receber menos do que os homens — não porque não trabalhem tão bem, mas porque têm a alternativa de outro papel de incomparável valor. O homem, por outro lado, recebe mais — não por causa de suas virtudes, mas para que veja domadas suas energias naturalmente fervilhantes. A vantagem do trabalho masculino é, portanto, baseada nos custos reais do carreirismo feminino. Mais cedo ou mais tarde,

a sociedade teria que pagar esses custos e sofrer as suas conseqüências.

Nada é tão importante para a constituição sexual como a família e, na medida em que o papel do macho, de principal provedor, é de crucial importância, a sociedade deve apoiá-lo. Hoje, no entanto, os encargos de criar uma família já não impedem as mulheres de desempenhar esse papel de provedor; no dia em que houver infantários à disposição de todos, será possível que uma sociedade matriarcal venha a emergir. Sob tais condições, os homens finalmente se curvariam.

Se todas as tensões normalmente provocadas pelo trabalho forem intensificadas pela competição sexual, os homens retaliarão usando de sabotagem burocrática ou de golpes sujos no trabalho, ou ainda tentarão escapar — para a rua ou para os postos mais altos na hierarquia.

Uma amarga competição. O que acontece hoje é um solapamento nítido das condições-chave da socialização masculina. A começar na maternidade, onde o bebê é abruptamente tomado de sua mãe; em casa, onde o pai está quase sempre ausente ou não se impõe; no curso primário, onde o garoto é educado por professoras, e geralmente cercado por muito mais meninas do que meninos; possivelmente no colégio, onde sua educação não é diferenciada em termos de sexo; e até no trabalho, onde, particularmente nas fases iniciais, nem sempre há distinções sexuais e talvez nem seja mais bem pago do que a mulher num emprego feminino — en-

fim, através de todos esses períodos de desenvolvimento, a sexualidade amorfa e insegura de um rapaz poderá ser ainda mais subvertida.

No fim, sua oportunidade de se qualificar para uma família (e comprovar em sociedade seu amor e sexo, tornando-se marido e provedor) fatalmente correrá perigo. O homem descobre que a masculinidade lhe permite poucos papéis realmente distintivos; a sociedade coíbe, constrange ou feminiza suas atividades puramente masculinas. Sem confiança em sua masculinidade, ele sente uma necessidade compulsiva de prová-la sexualmente, de uma forma que as feministas e mulheres em geral temem e desprezam.

Enquanto isso, a mulher torna-se cada vez mais auto-suficiente. A sociedade já não desaprova tanto as mães solteiras; o Estado lhes garante uma pensão. O controle da natalidade e o aborto legal (onde existe) dão às mulheres completo controle da procriação, e a liberação sexual lhes abre as portas para novos prazeres, não envolvendo nisso nenhuma responsabilidade masculina.

Assim, o significado da sexualidade de um homem é ainda mais diminuído, e cada vez menos ele poderá extrair segurança dela. Como poderia ser de outra forma, agora que homens e mulheres se reúnem, com um ou dois manuais de sexo na mão, e se entregam a uma triste competição de capacidade orgásmica? A lascívia sem discriminação da mulher liberada encontra um belo complemento na vaidade do homem que ela procura.

Desintegração sexual. A sociedade já não reconhece os extraordinários custos sociais que ocorrem quando a mulher negligencia seu papel numa socialização masculina. Esta sociedade começou a promover ativamente as delícias de cada sexo, enquanto indulgenciava um difuso cinismo em relação ao amor matrimonial. Engels dizia que o casamento é o servo do capitalismo; mas também se poderia dizer que o casamento é o servo de qualquer sociedade produtiva, pois a insegurança masculina é igualmente o «divino desconforto» que, nos machos socializados, produz a força-motriz das realizações da indústria, da arte e da ciência.

O amor de um homem numa sociedade civilizada reside no seu desejo, consciente ou não, de ter e manter sua descendência. Para isso, ele deve escolher uma mulher em particular e, ao preferir determinada mulher, ele essencialmente se define diante de si próprio e da sociedade. A partir daí, qualquer ato sexual se torna uma afirmação humana, envolvendo toda a personalidade de um homem e comprometendo-a, concreta ou simbolicamente, com um futuro significativo. O desejo de ter filhos com um cônjuge específico é uma boa definição do amor sexual. Pelo alcance da experiência sexual numa sociedade civilizada, esse motivo parece ser sem dúvida o mais forte no fenômeno do amor.

Há uma espécie de sexo, no entanto, que não é afirmativa, e tende a romper a armadura da sexualidade e da identidade; ocorre quando o sexo

não exprime amor, não é associado à aspiração de conceber filhos nem subordina aquele breve *instante* masculino ao futuro feminino. Então, o ato se torna um prazer transitório que, se buscado com frequência, leva mais a uma fragmentação do que a um senso de continuidade com a natureza e a sociedade. Se esta espécie de sexo prevalece, o circuito masculino de sexualidade impulsiva e predatória pode se tornar o ritmo dominante de uma cultura.

O movimento feminista, os machos chauvinistas, os pornógrafos, os sexólogos e os homossexólogos todos tendem a ver com indulgência e até a promover uma desintegração. A pornografia anuncia as alegrias potenciais da promiscuidade, enquanto os manuais de sexo pregam o abandono das «inibições» e dos «estereótipos» que poderiam ser importantes a uma sexualidade afirmativa. O movimento feminista oferece visões de uma espúria igualdade sexual, ao passo que os apologistas do homossexualismo romantizam uma espécie de relacionamento no qual a verdadeira realização sexual é completamente impossível e só provoca uma gratificação temporária.

O perigo do programa sexual separatista é o de que o homem não socializado se tornará culturalmente dominante, enquanto o homem civilizado terá de resistir às pressões de toda a sociedade. Uma civilização baseada em famílias (ou seja, em responsabilidades) será confrontada com uma poderosa cultura de massa propagando a sexualidade de gratificações ime-

diatas. Uma sociedade profundamente baseada na monogamia se verá diante de uma cultura que só promove a promiscuidade. Hoje em dia, já estamos perto disso.

Massagem sensual. O efeito é trágico, tanto em homens quanto em mulheres. Quando a sexualidade assume um papel cada vez maior, começa a perder contato com suas fontes procriativas e se torna gradualmente promíscua, indiferenciada, homossexual e pornográfica. Torna-se o que os nossos atuais liberacionistas (masculinos ou femininos) já imaginam que ela seja: essencialmente, uma espécie de massagem sensual, uma busca informe, dissoluta e destrutiva dos prazeres mais enganosos freqüentemente pelas técnicas mais drásticas.

Nossas potencialidades sexuais são enormes, mas limitadas; o que fazemos com elas é determinado pela cultura, que é formada por nós. O primeiro passo na restauração de um sentido de ordem, propósito e comunidade é o de reestabelecer as pressões sociais e tendências culturais em favor de um amor e um casamento monogâmico mais duráveis. Em princípio, serão as mulheres as primeiras a se beneficiarem, pois o seu desconforto na atual situação já as está induzindo coletivamente a uma repulsa ao sexo. No fim de contas, toda a sociedade ganhará, pois, se cultivarmos um amor e uma sexualidade mais profundos, criaremos uma comunidade mais unida, um futuro mais otimista e uma sociedade bastante mais produtiva.



OPINIÃO de Arthur Rubinstein, nascido em 1886, ao lhe ser dito que estava tocando piano melhor do que nunca:

«Também acho. Afinal, já fiz 80 anos; por isso, me arrisco muito mais do que antes. Os perigos já não são tão grandes, e posso me dar ao luxo de corrê-los. Eu costumava ser muito mais cuidadoso. Tentava não errar nem uma nota, nem atravessar o tempo, nem inventar nada. Agora, eu me liberto, e me divirto muito mais. Para o diabo com o resto – exceto a música.»

– M. P.

DEPOIS de longos anos de esforços, e de uma despesa de milhões de rublos, os soviéticos afinal conseguiram colocar dois de seus cosmonautas na superfície da Lua. Ao abrirem a porta de sua nave espacial, eles saltam no chão e são recebidos por um chinês pequenino.

«Ora, vamos», exclamaram os soviéticos, admirados, «isto é impossível. Como poderiam vocês, chineses, sem foguetes poderosos como os nossos, ter chegado à Lua antes de nós?»

«É simples. Um chinezinho nos ombros de outro chinezinho, nos ombros de outro chinezinho, nos ombros de outro chinezinho...

– *Journal du Dimanche*, França